



Director literario:

Alcides Campa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

O CRIADO CHIMPANZÉ



*A familia Maldonado,
Que vivia na Guiné,
Tinha em casa, por criado,
Um enorme chimpanzé...*



*Que se vestia de alpaca,
Quando ia o pó vasculhar,
E que vestia casaca
Para servir o jantar.*



*Se o patrão lhe não ralhava
O'timamente servia;
Mas se ralhava, deixava
Catr tudo o que trazia!*



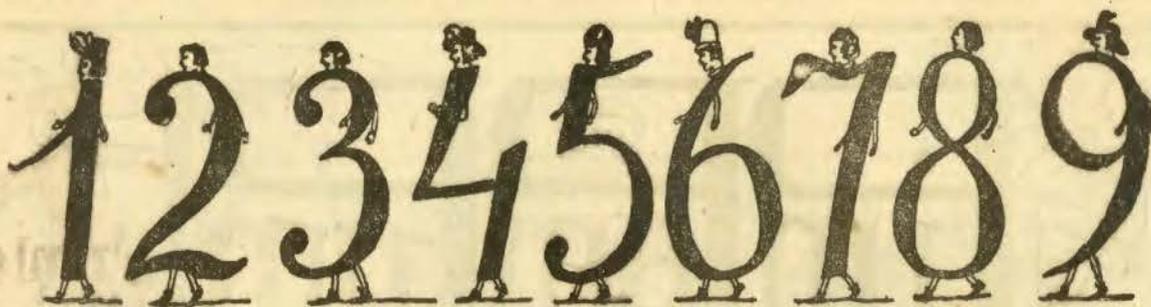
*Um dia — (três convidados
A jantar com os patrões) —
O modelo dos criados,
Que era o rei dos macacões...*



*Esqueceu-se da gravata;
Vendo-o assim servir à mesa,
O patrão faz zaragata...
Dá-lhe um berro de surpresa!*



*Então, ante um tal banzé,
Por cima dos convidados,
Assustado, o chimpanzé
Deixa catr os guisados!*



O ÚLTIMO NÚMERO

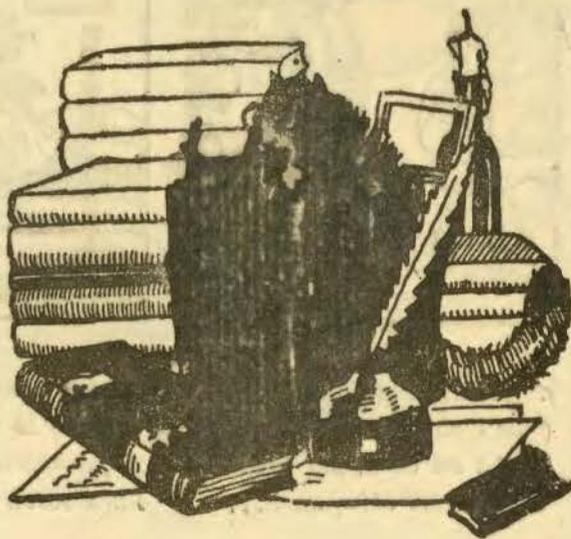
Por JOSÉ S. RAU
Desenhos de E. MALTA

EM tempos que já lá vão, o exacto e o nobre país da Aritmética era habitado, apenas, por dez algarismos a saber: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, e 0. Desconheciam-se, nêsse tempo, aquelas operações mais ou menos complicadas que os meninos aprendem hoje na escola: — as contas de somar, de diminuir, de multiplicar e de dividir. Os inocentes algarismos coitados, ignoravam ainda o infinito poder das combinações entre si, isto é, não sabiam ainda formar um número, pois, como os meninos devem ter aprendido, um número é a reunião de dois ou mais algarismos. Nesta conjuntura, como cada um dêles vivia para seu lado, numa independência que contrariava o progresso da nação, mergulhava esta numa desordem nefasta em que por força viria a succumbir se os seus habitantes (perdão os seus algarismos) não se decidissem a uma cooperação estreita. Ora como toda a cooperação implica um governo e todo o governo exige um chefe, eis os nossos dez algarismos a discutirem qual dêles seria a pessoa indicada para tão elevado cargo.

O 1 indicou a sua qualidade de primogénito, de primeiro algarismo, ambicionado laurel perfeitamente intransmissível que, na história dos homens, corresponde sem dúvida a Adão. O 2 começou por dizer maliciosamente, que não havia ninguém que, ao entrar numa taberna, o não bebesse em decilíros; além disso, as juntas de bois, as parelhas de mulas e (guardada a devida distância) os matrimónios humanos, inspiram-se directamente nêle e se o primeiro homem fôra

eram as pessoas da Santíssima trindade, as graças e as Parcas.

O 4 bradou que perpétuamente ligara o seu nome á anatomia dos quadrúpedes e quadrumanos, que tantos eram os pontos cardiais, os elementos e que a felicidade, essa eterna



quimera dos sonhadores, se encontrava unicamente no raríssimo trevo de quatro folhas.

O 5 assegurou que mais valia ser a quantidade dos continentes da terra, dos dedos de cada mão, dos sentidos do homem, das chagas de Nosso Senhor e provou como divertia as crianças no jogo dos cinco cantinhos. (Reza a lenda que êle acrescentou ser em Outubro, o algarismo comemorativo da República Portuguesa, mas eu não garanto porque não quero fazer política).

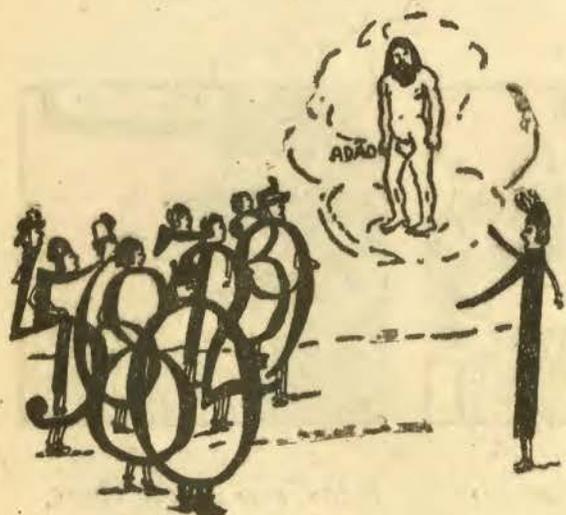
Demonstrou o 6 que constituía a célebre meia-dúzia e gabou os seus dotes de imitador pois de pernas para o ar era exactamente o seu colega 9.

O 7 desafiou uma grande bagagem de conhecimentos: segundo êle, Deus criou o universo em sete dias e sete foram os trabalhos de Hercules, assim como sete são as maravilhas do mundo, os pecados mortais e as colinas de Roma.

O 8 fez apenas uma declaração, mas formidável:—era êle, desenhado sobre um papel, a expressão do Infinito.

O 9 mofou do seu colega 6, pagando-lhe na mesma moeda, pois, de pernas para o ar, era a sua perfeita imitação e intitulou-se, além disso, o campeão da velocidade (andar á nove) e o símbolo do impossível (a semana dos nove dias).

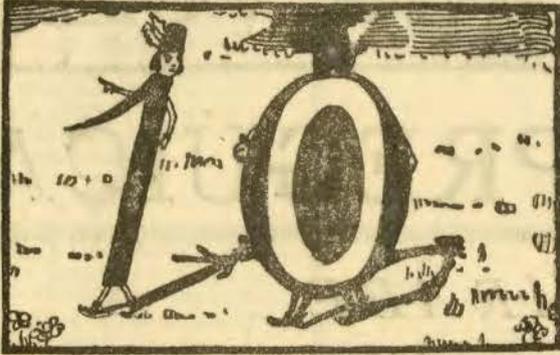
Chegou finalmente ao 0 a vez de falar, o que êste declinou cheio de vergonha. Os seus colegas passaram adiante, com desdem dum algarismo que significa, além de várias coisas absurdas, a pior nota que um menino pode ter no



Adão, a êle, 2, se devia a continuação do mundo na pessoa adorável de Eva.

O 3 logo, saiu à estacada dizendo que existia em todos os triângulos e em todas as mezas de pé de galo, que tantas

colégio: — uma batata. Escusado será dizer que, ao cabo de animada discussão, os nossos algarismos desavieram-se e regressaram a penates. Decididamente, os habitantes do nobre país da Aritmética eram incompatíveis (uma pessoa é incompatível com outra, quando se não entendem; exemplo, a Lálá espeta um alfinete no Quim) e aquela inteligente nação estava destinada à ruína, nada fazendo pressagiar os futuros que a tornaram num verdadeiro modelo da ciência.



Ora isto aconteceu graças à extraordinária aventura que eu vou contar aos meninos.

O nosso amigo 1, desgostoso com o fracasso das negociações, resolveu abandonar a pátria e convidou o pobre 0 a servir-lhe de escudeiro, o que este aceitou de rompante.

Numa manhã de nevoeiro, como aquela em que não apareceu El-Rei D. Sebastião; fizeram-se ambos ao mar da seguinte maneira: o 0 boiando na crista das ondas e o 1, espedado nele, servindo de mastro, de vela, de torre e, ao mesmo tempo, de comandante. Foi uma viagem bonançosa mas demorada, ao sabor do vento que os conduziu a uma terra desconhecida, habitada por homens. Ali desembarcaram e os nomes, que já naquele tempo se metiam onde não eram chamados, logo se juntaram em redor dos nossos algarismos, examinando e criticando a sua aparência bizarra. Houve escândalo. O 1 e o 0 viram-se em palpos de aranha, valendo-lhes a polícia que os levou para onde os meninos sabem que a polícia leva toda agente: para o *chestró*. E um belo dia, depois de julgados no tribunal, como indivíduos perigosos à sociedade, foram sem mais aquelas (dizem mesmo que com um pontapé no posterior) devidamente postos na fronteira.

Ora o outro país em que eles entraram era mais civilizado (seria, talvez, Portugal) e aí puderam circular livremente. O escudeiro 0 ia sempre na vanguarda do 1, rebolando o seu perímetro esférico, na verdade tão esférico que, andando uns garotos à procura dum bola para jogar um desafio com o *debre* Sparta, se equivocaram com ele e lhe deram muitos *spontapés*. Lá ficou o pobre 0 todo amachucado e, se não fosse o 1, que se endireitou como uma espada da Guarda Republicana, ele ainda hoje estaria contribuindo para o progresso do *foot-ball* daquela nação.

No entanto, foi nessa terra que o 0 começou a valer alguma coisa, exactamente em virtude de não valer absolutamente nada. Deixavam-no entrar de graça nos animatógrafos, nos teatros e nas exposições de pintura.

Até nos carros eléctricos não pagava bilhete e, mesmo quando iam cheios, o 0 lá seguia pendurado no estribo. Ninguém lhe ligava importância e o 1 começou a pensar que o facto de ter assim tão pouca importância devia ser muito importante. Como era inteligente, ambicioso e prático, delibrou aproveitar a força desconhecida do seu escudeiro (os homens não aproveitaram o vapor de água para os comboios e o vento para os moinhos?) e tirando-se dos seus cuidados foi consultar o célebre professor Texugo, o mais sábio pa península. Encontrou-o debruçado, como todos os verdadeiros sábios, sobre um problema difícil que não sabia resolver (devia ser o problema dos tabacos). O 1 apresentou-se e disse quem era.

— E's um dos nove algarismos da Aritmética? —

— Perdão, retorquiu o 1, temos ainda o décimo que se chama 0. —

E fez avançar o seu escudeiro. Texugo, espantado, murmurou:

— Este não conhecia eu. E para que serve? —

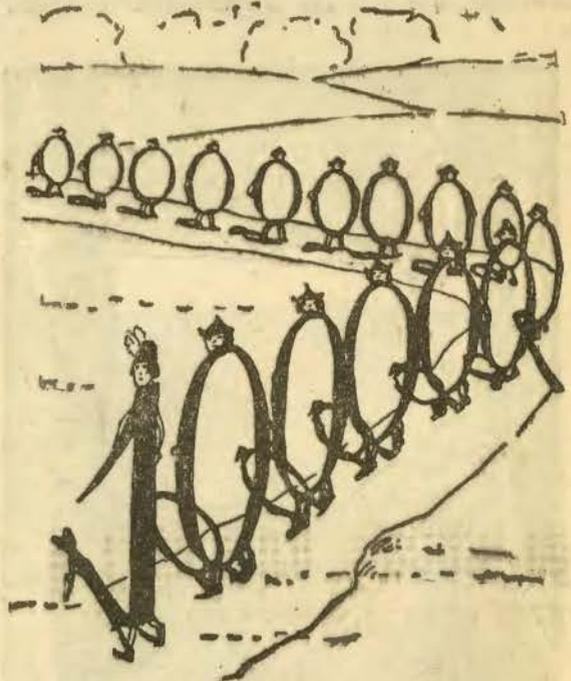
— Isso venho eu perguntar ao sr. dr. Lá na minha terra dizem que não tem prestígio algum. Mas eu vejo-o entrar de graça nos animatógrafos, enquanto que eu, primeiro algarismo, que reivindico o título de chefe de todos os algarismos, sou obrigado a pagar o meu bilhete. Ora eu venho para que o sr. dr. me diga como isto é feito. —

E vai daí, contou a Texugo os antecedentes da sua história e a sua fuga da Aritmética. O sábio coçou a péra, embaraçado. Chamou o 0, auscultou-o, examinou-lhe a língua, pôs-lhe o termómetro e perguntou-lhe se os intestinos funcionavam bem. De repente, o nosso 0 pareceu-lhe o ovo de Cristóvão Colombo. Isto é, descobriu que, assim como a única maneira de equilibrar um ovo fóra, para Colombo, fazer-lhe uma achatadela, a única maneira de descobrir o valor do 0 era colocá-lo atrás do 1. Assim fez e verificou que o destino do 0 era, formar o primeiro número. Efectivamente, como os meninos sabem, se o 0 à frente do 1 não tira nem 1, e, atrás dele dá-lhe dez vezes o seu valor, torna-o vencedor do 9 e fóra com ele um número, isto é, a reunião de dois algarismos. Estava, pois, inventado o misterioso poder dos algarismos da Aritmética e aos meninos que exclamarem que aquilo era muito fácil, eu lembro-lhes a história do ovo de Colombo!

Texugo, muito satisfeito, disse ao 1:

— Vai para o teu país, sempre à frente do 0. Nesta posição tens um valor até hoje desconhecido que se chama «número». E's, de hoje em diante, o número dez e mereces a coroa real da Aritmética. Impõe-te pela força e se os outros algarismos resistirem, acrescenta zeros até onde for necessário.

Assim o 1 e o 0, de braço dado, regressaram naquele dia ao nobre país da Aritmética, onde fizeram uma revolução, seguindo o conselho do sábio Texugo, perito na matéria. Os outros algarismos, porém, ao aprenderem o seu valor e



conhecedores das quatro operações, tentaram vencer o 10 com o 11, o 12, o 13 e vários outros números possantes. Mas o nosso famoso 10, não esquecendo as instruções de Texugo, ia acrescentando um 0 ao seu próprio valor e não se deixava vencer. Ora vejam os meninos: 10 mais 0 é igual a 100, mais outro é igual a 1000 e assim por diante. E como os zeros se podem acrescentar indefinidamente, pois, os números não têm fim, sucede que ainda hoje os nossos amigos 1 e 0, aliados na formação gloriosa do primeiro número, são os soberanos invencíveis do nobre país da Aritmética.



O PAI DA PREGUIÇA

LENDA ÁRABE

Por HORACIO DE CASTRO GUIMARÃES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

DIZ-SE — e com razão — que os árabes são os homens mais indolentes da Terra, muito principalmente os turcos!

A história que vou contar, dar-lhes-há uma ideia da preguiça terrível desta gente.

Há muitos anos, nos arredores da velha cidade de Stambul, viveu um importante Senhor turco, chamado Sadi-Pachá, que pela sua extraordinária indolência e



brancas e um formoso jardim com muitas árvores de fruto, — figueiras, laranjeiras, damasqueiros, etc. —, e uma pequena fonte de água murmurante, que escorria entre a relva dos canteiros, a refrescar o chão, Sadi ali passava os seus dias, refastelado e silencioso, seguindo o vôo ligeiro das aves que passavam no Céu e com as grandes barbas cobertas de formigas, que êle nem sequer se dava ao cuidado de sacudir.

Quando tinha fome, estendia um braço e apanhava da terra uma laranja ou um figo, conforme os frutos do tempo, e que de maduros já tombavam das árvores,

Este feio vício da preguiça, fez de Sadi-Pachá um homem muito popular na sua terra. E muita gente havia, que ao vê-lo assim imóvel e estendido no seu jardim, julgava-o um filósofo ou santo, quando afinal êle não passava dum miserável madraço.

«não te rales», toda a gente conhecia pelo nome de Preguiçoso.

E' que, enquanto os outros homens tinham todos uma profissão, — uns eram tecelões, outros mercadores ou militares —, Sadi-Pachá não era mais nada neste mundo senão um grande Preguiçoso!

Tendo herdado de seu Pai uma linda casa de paredes

Quando ao fim da tarde os garotos saíam das Escolas, vinham muitos escarranchar-se no muro e roubar-lhe a fruta das árvores; e como viam o homem muito quieto, parecendo que dormia, escarneciam-no, chamavam-lhe preguiçoso e atiravam-lhe com cascas de laranjas. Então, do fundo da relva, uma voz sonolenta gritava:

— Andai lá, patifes! Se eu me levanto... —, mas, o que é certo, é que o Preguiçoso nunca se levantava.

Ora um dia aconteceu que um destes rapazinhos, que às tardes vinham escarnecer do preguiçoso, ficou devéras impressionado com a maneira de viver de Sadi-Pachá e, entrando em casa, declarou resolutamente ao Pai, que não queria mais voltar à Escola e que também ele sentia uma enorme vocação para Preguiçoso...

O Pai, que era um honesto tanoeiro, trabalhador como poucos, ficou furioso e irritado com esta declaração e respondeu ao filho:

— «Estás a mangar comigo, rapaz? Então queres ser preguiçoso, tu?!...»

— «Sim, senhor, meu Pai! Quero ser preguiçoso e ganhar a vida... como Sadi-Pachá...»

— «Isso nunca! — respondeu o tanoeiro — «Hás-de ter um modo de vida como o meu, ou vais para amanuense no Tribunal do Cadá, como teu tio. Agora preguiçoso, não, não e não!...»

«E gire imediatamente para a Escola, senão quebrarei-lhe as costelas com este arco de pipa...»

«Irra! É demais, seu patife!»

O rapazinho, como visse o Pai decidido a cumprir a ameaça que lhe fazia, calou-se e não insistiu; mas em vez de ir para a Escola, entrou no primeiro bazar da rua e, estendendo-se entre duas pilhas de tapetes de Smirna, ali ficou até à noite, de papo para o ar, olhando as lanternas moiriscas, as jaquetas de bordados de ouro, que reluziam ao sol, e respirando o agradável perfume dos frascos de essências orientais. E todos os dias assim fa-

zia, até que uma tarde o Pai o encontrou neste preparo e o levou consigo, para casa, por uma orelha, a bofetões e pontapés.

Chegando à oficina, deu-lhe uma grande tarefa, gritou, barafustou, invocou a justiça de Allah, mas nada conseguiu. O rapaz chorava, gritando sempre:

— «Quero ser preguiçoso... quero ser preguiçoso como Sadi-Pachá...»

O pobre do Pai consumia-se, mas depois de muito matutar, tomou uma resolução e um dia disse ao filho:

— «Escuta. Já que por força dejas ser preguiçoso, vou levar-te a casa de Sadi-Pachá! Ele fará-te um exame e se realmente te encontrarem vocação para esse ofício, ficas em casa dele, como aprendiz.»

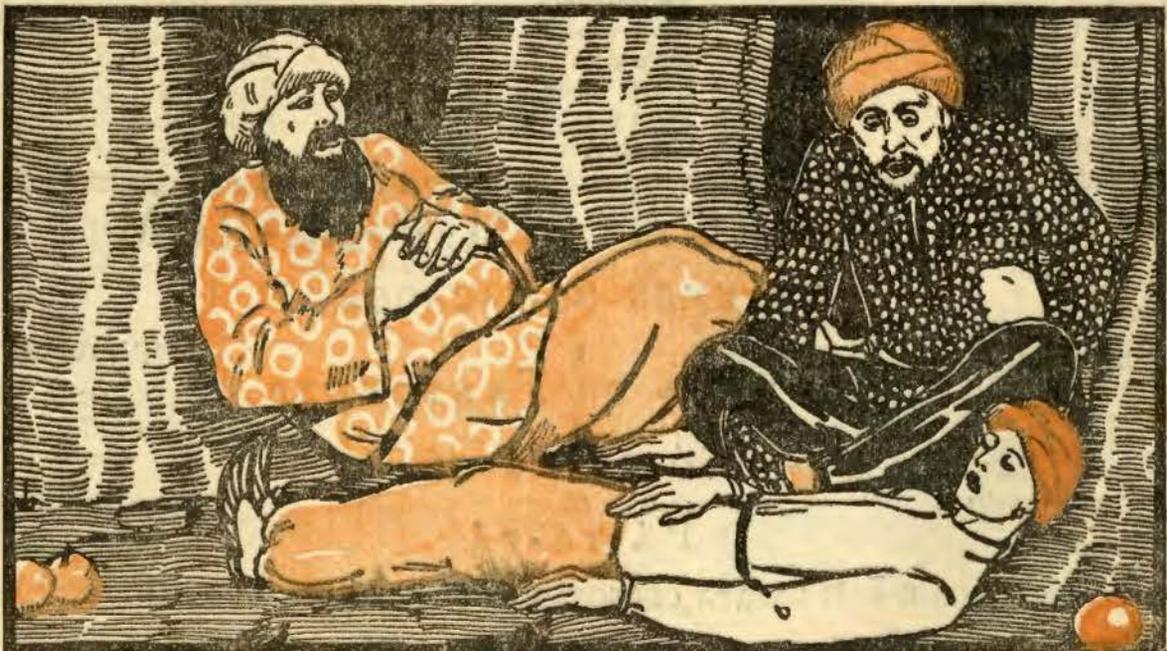
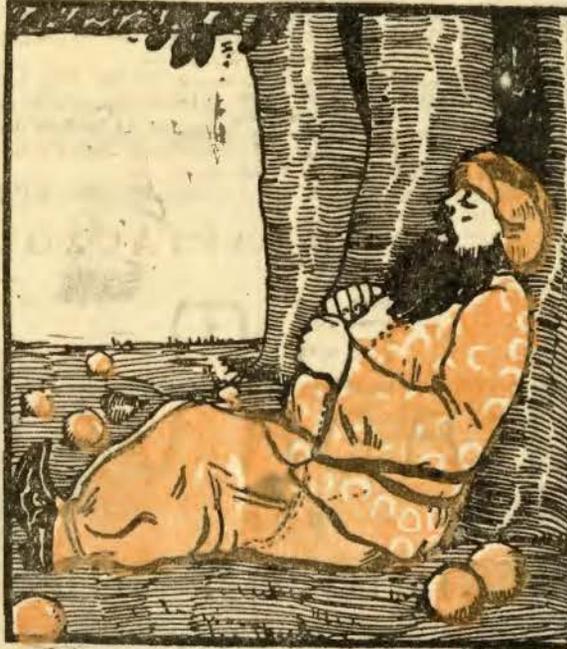
No dia seguinte, efectivamente, Pai e filho, com o seu melhor fato domingueiro, dirigiram-se ao jardim de Sadi-Pachá. Como a porta estava sempre aberta, não tiveram mais que empurrá-la e entrar.

— «Allah seja contigo, Sadi-Pachá» — disse o tanoeiro, inclinando-se, a mão sobre o peito, diante do preguiçoso. — «Trago-te aqui o meu filho, que por força quer ser preguiçoso. Peço-te o favor de o examinares, porque se tiver vocação ficará ao teu cuidado e eu pago seja o que for!...»

Sadi, sem falar, fez sinal para se sentarem junto dele. O Pai sentou-se e o filho estendeu-se logo ao comprido, de barriga para o ar, o que significava um forte sintoma de preguiça. E durante um grande pedaço, todos três se entreolhavam, em silêncio. Era meio dia e fazia um calor de rachar...

O pequeno parecia dormir, enlevado no brando gorgolejar da fonte e no sussurro da passarada, a saltitar por entre as folhas. De vez em quando, um figo caía, de ma-

(Continua na página seguinte)



O PAI DA PREGUIÇA

(CONTINUAÇÃO
da página anterior)

dura, rolando entre os ramos, até ao chão. Sadi-Pachá estendia o braço e com um ar fatigado levava o fruto fresco à boca. O rapazito é que não se dava a esse trabalho, demasiado penoso para a sua indolência. Tombavam, a seu lado, os mais belos e apetecíveis figos, sem que elle voltasse sequer a cabeça. O mestre observava, de rabo d'olho, aquela magnífica indolência, mas não dizia palavra.

E assim se passaram algumas horas, com grande arrelia do pobre tanoeiro, que já começava a achar o exame demasiado longo e massador. No entanto, nada dizia e conservava-se imóvel, as pernas cruzadas, invadido também por aquella atmosfera de preguiça, que flutuava no calor da tarde, por entre o vago perfume dos frutos.

De repente, um grande figo tomba e, rolando de ramo em ramo, vem mesmo achatar-se na face do rapaz. Era, realmente, um figo apetecível, — rosado, perfumado, a prometer doçuras de mel... Para lhe entrar na boca, o

rapazinho, não precisava mais do que empurrá-lo com o dedo.

Mas julgam os meninos que elle se deu a essa massada? Isso sim! Bem lhe apeteceu, na verdade, — mas só ao fim dum grande pedaço e como a tentação de comer o figo tosse muito forte, é que elle abriu o canto do olho e disse ao Pai, em voz baixa e dolente:

— «Senhor Pai... meta-me na boca este figo...»

Ouvindo isto, Sadi-Pachá, arremessou para longe um fruto que tinha na mão e gritou zangado, voltando-se para o tanoeiro:

— «E' então este o rapaz que me trazes para aprender, quando elle, afinal, é que pôde ser o meu Mestre?»

E, caindo de joelhos diante do pequeno, que se conservava deitado, Sadi-Pachá exclamou, com admiração e humildade:

— «Eu te saúdo, ó Pai da Preguiça!»

(ADAPTAÇÃO DO FRANCÊS)

F I M

DE NADA VALEU

POR

DULCÍDIO DA CUNHA

Mestre Paulo
Sapateiro,
Tinha muito
Bom dinheiro.
Como todo
O avarento,
Ele andava
Sempre atento,
Não deixando
Que ninguém
Lhe tirasse
Um vintem.
Ora assim,
Mestre Paulo,
Não pensava
Que roubá-lo

Era fácil,
Para mais
Tinha duzias
De punhais,
Uma faca
Qual navalha,
E dez bombas
Com metralha.
Mas um dia
(Triste sorte!)
Mestre Paulo
Viú a morte
Junto dele
E com medo
Disse à morte
Em segredo

O seguinte:
— «Que o deixasse,
Ou então
Que o levasse
Com o seu
Capital,
Pois podia
Menos mal
Governar-se
Lá no Ceu.»
Mas porém
Faleceu
Mestre Paulo
Sapateiro
E deixou
O dinheiro.

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

VOLUMES PUBLICADOS

CADA VOLUME

4

escudos

para os assinantes

d'O SÉCULO

I

BARRACA DE FANTOCHES

II

CÓ-CÓ-RÓ-ÓÓ

III

PÁ-TÁ-PÁ

CADA VOLUME

5

escudos

para os não assinantes

d'O SÉCULO

A MELHOR E MAIS BARATA COLEÇÃO DE LIVROS PARA AS CRIANÇAS

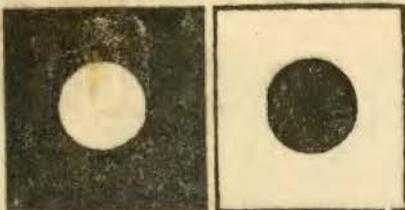
Pedidos à administração d'O SÉCULO — Rua do Século, 59 — LISBOA

HORA DO RECREIO

ILUSÕES DE ÓPTICA

Reparai nos dois círculos da figura; um todo negro sobre fundo branco, o outro todo branco sobre fundo negro; este parecerá maior que o outro e, apesar desta aparência, os dois são exactamente do mesmo diâmetro.

Um destes géneros de ilusões curiosas, foi aproveitado para o vestuário das senhoras, de modo a permitir-lhes, por este artifício, que pareçam mais altas ou mais baixas do que realmente são.



Desenhai, ao lado um do outro, dois quadrados de eguaes dimensões e enchei o primeiro de linhas *horizontais* apertadas e o segundo de linhas *verticais*, com a ajuda de uma régua e um tira-linhas.

Verificareis, logo à primeira vista, que estes quadrados parecerão alongados no sentido das linhas paralelas.



E' pela mesma ilusão que um vestido riscado horizontalmente parece engrossar a pessoa que o veste e diminuir-lhe a estatura, ao passo que, riscado verticalmente, adelgaça-a e torpa-a mais alta.

Finalmente, ainda há bem pouco tempo à Academia de Medicina de Paris foi assinalada uma curiosa ilusão de óptica obtida pela sobreposição de losangos muito alongados e cuja superfície era tingida de preto. Os losangos são sobrepostos no sentido do achatamento; a figura é construída de maneira que a altura obtida pela sobreposição seja exactamente igual ao comprimento do losango; obtem-se desta forma uma figura quadrada. A ilusão consiste em que a di-

menção correspondente á sobreposição parece mais extensa que a outra, que é comtuda igual à precedente.

Esta experiência é também baseada no fenómeno das impressões luminosas sobre a retina. Para a recomençar fixe-se durante alguns minutos, o ponto negro traçado no meio da silhueta do diabo, abaixo Erguei em seguida os olhos muito depressa e dirigi-os para uma superfície branca e bem iluminada. Distinguireis claramente nêsse fundo a silhueta do diabo em cor verde.

Esta ilusão tem sido reproduzida de diversos modos, e apresentada de diferentes maneiras por vários autores.

A seguinte é deveras interessante:

Pômos de pé sobre uma meza dois livros cujas folhas defrontam e que servem para segurar uma folha de papel ou de cartão fino, sobre a qual pintamos três tiras da mesma



largura e de cores diferentes, por exemplo, uma tira verde à direita e uma alaranjada à esquerda. A tira do meio será preta. Pedi, então, aos espectadores que fivessem atentamente esta espécie de pavilhão, e em seguida abaixai de repente diante dêle um *écran* de cartão fino e muito branco, que deslisará entre as páginas do livro como numa dupla calha. Do mesmo modo que para o diabo, ao fim de alguns minutos, distinguirão os observadores três tiras, cujas cores serão as complementares das primeiras. Com três tiras: alaranjada, preta e verde, obteremos a aparência da bandeira franceza tricolor; com tiras branca, violeta e verde, será a bandeira da Belgica; preta, amarela e vermelha, etc.

A D I V I N H A S

1

Fui feito em grande calor,
Para quente sempre andar;
Toda a mulher arranjada,
Sem mim não pode passar!

2

Ando de noite e de dia,
Sou util a toda a gente;
Cá de mim tudo con iam,
Sou secreta e diligente.

Tenho nome feminino,
E as mais altas relações,
Guardo e levo ao seu destino
Segredos, recordações!

Síndona Pessoa

ERRATA

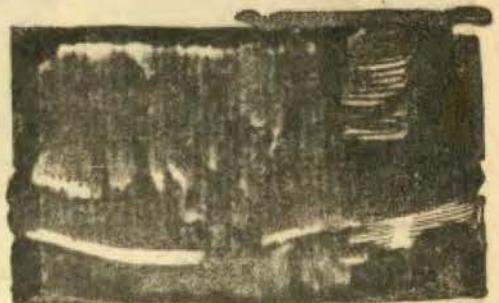
Na última adivinha do nosso número anterior, onde se lê:

Finda em L começa em X,
deve lêr-se:

Finda em C começa em X.

Decifrações do número anterior:

1 — M.
2 — Noventa.



MEUS MENINOS:

Vejam se descobrem de que nacionalidade é o dono desta bota de elástico.

A ESPERTEZA DA FRANGAINHA

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

A velha caseira do Senhor Morgado, era quem tratava da criação. Ao meio da tarde vinha deitar-lhes milho que trazia no avental, do celeiro.

— Pi, pi, pi, poá, poá... e lá vinham correndo ao seu chamamento, as frangas, as galinhas e os galos que andavam à solta, a esgaravatar, ali, em derredor. Havia lá uma frangainha, a mais bonita de todas, que nunca chegava a horas.

A velha caseira, muito arreliada, dizia: — Maldita franga, quando chega; já as outras têm comido o milho todo! E continuava: — «Pi, pi, pi, pi, quem não vem, não come».

— «Eu não posso correr, e quando lá chegar, hei-de comer» — exclamou a frangainha bonita. E, ao chegar ao pé da velha, já não havia milho no avental.

— «Então, sua velha feia, onde está o meu milho?!»

— «O seu milho, já as outras o comeram, não se demorasse tanto! Eu fartei-me de chamar: Pi, pi, pi, quem não vem, não come».

— «Pois, eu, nunca vim a correr, e sempre tive que comer!»

— «Então que fazes, franga ralaça?»

— «Se sou ralaça, você é velha carcaça. E sabe que mais?! Vou ao milho ao celeiro, e depois vou para o meu poleiro!»



— «Ah! sua gatuna, como é que você lá entra, se eu teinho a chave no bolso?!»

— «Entro pela gateira.»

— «Eu a pregaréi para que não voltes lá a entrar.»

— «Isso não me há-de ralar; milho nunca me há-de faltar. Sou companheira do gatinho, que vai ao celeiro



papar o seu ratinho, e, por onde êle passar, Deus do céu, passo eu!»

— «Mas tu hoje estás feita poetisa!»

— «Poetisa não sou, mas o que herdei foi a espertesa do meu avô.»

— «O teu avô?! Eu conheci-o, era negro, vibrante, luzido.»

— «Protesto, isso é de Guerra Junqueiro! A propriedade alheia, deve ser respeitada, senão dou-te já uma bicada, ou um castigo pelo plagiato, ou um... sim, como veio no «Pim-Pam-Pum». Que vergonha para mim, fazer uma coisa assim, como fez o menino Ferreira de Sousa. Se fôsse ao pé da minha mestra, tínhamos festa!...»

— «Bom, eu não quero cá doutores, nem sonhadores. Vou já buscar a faca da cozinha, e vais para o lume dentro da panelinha.»

— «Agora rima, mas não é verdade. Oh! velha feia, vai fazer meia, à luz da candeia. Se me matas, ficas sem saber, por eu morrer, onde está o tesouro do 1.º Morgado, enterrado.»

— «O quê? Tu sabes?»

— «Está num buraquito, pequenito, por onde não cabes.»

— «Mas cabes tu, vamos lá buscá-lo.»

— «Fala mais baixo, tu não vez o galo?»

— «Deixa-o lá: vamos, linda frangainha, dize onde está o tesouro do 1.º Morgado.»

— «A'manhã digo, vai cedo à capoeira ter comigo.»

Ora os meus leitores já perceberam que a frangainha o que quiz foi ver-se livre da velha que a queria matar. Lembrando-se da grande péta do tesouro, a velha deixou ir, em paz, para a capoeira, a frangainha esperta como um rato.

A franga naquela noite fugiu, e a velha, até hoje, nunca mais a viu. E é natural que ainda ande à procura do tesouro do 1.º Morgado que julga lá estar enterrado.